

A TOLICE DA INTELIGÊNCIA BRASILEIRA

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira**. Ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: LeYa, 2015.

Robson Sávio Reis Souza*

Num mundo de “quantidades” e de “quantificação”, todas as “qualidades”, como, por exemplo, os valores que nos guiam na vida cotidiana, tendem não apenas a serem percebidas como desempenhando um papel secundário, mas, ao fim e ao cabo, correndo o risco de não serem percebidas de modo nenhum. (p. 171).

Resenhar uma obra é tarefa ingrata. Nosso ponto de vista, geralmente, está inclinado a visões de mundo que delimitam a complexidade de um livro, focando determinados aspectos em detrimento de outros e dando importância a temas seletivamente pautados pelo nosso viés analítico (e ideológico).

Não obstante, para uma resenha nesta revista filosófica, resolvemos, discricionariamente, analisar um aspecto do mais novo livro de Jessé Souza que, no nosso entendimento, é relevante para um “amante da sabedoria”. Trata-se da crítica do autor acerca do nosso culturalismo racista que reifica visões de mundo a justificarem o injustificável: o fato de vivermos e convivermos passivamente numa sociedade absurdamente desigual como a nossa, sem grandes problematizações e buscas de porquês.

Segundo Jessé Souza, a perfeita união entre economicismo (“a crença explícita ou implícita de que a variável econômica por si esclarece toda a realidade social”) e o culturalismo conservador (uma ciência da ordem que existe para afirmar e legitimar o mundo como ele é) justificam as leituras dominantes e empobrecedoras do debate político brasileiro. Assim, não indignamos com o fato de que “nos bolsos do 1% mais rico da população brasileira está o resultado do trabalho dos 99% restantes”. E isso parece normal, natural, justificável, imutável e academicamente inquestionável.

Para manter esse empreendimento vergonhoso intacto, uma abissal desigualdade social, somente com muita violência simbólica, “que se disfarça de convencimento pelo melhor argumento”. E aqui entra a miséria da nossa ciência. Como já ensinava Max Weber, é preciso que o dominado socialmente se convença de sua inferioridade para que a dominação

* Doutor em Ciências Sociais e mestre em Administração Pública. Professor da PUC Minas e na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Pesquisador e coordenador do Núcleo de Estudos Sociopolíticos da PUC Minas (Nesp). E-mail: robsonsavio@gmail.com.

social seja possível. Neste sentido, “a legitimação científica da dominação fática produz a imagem de sociedades idealizadas de um lado e de sociedades essencialmente corrompidas do outro”. Portanto, “em vez de apontar para as causas reais da concentração da riqueza nas mãos de uns poucos e para a exclusão da maioria, essas concepções de intelectuais servis ao poder e ao *status quo* nos levam a acreditar que nossos problemas advêm da ‘corrupção apenas do Estado’, levando a uma falsa oposição entre o Estado demonizado, tido como corrupto, e um mercado visto como o reino de todas as virtudes”.

Como naturalizar e não problematizar, inclusive nas Academias, por exemplo, a imensa injustiça provocada pelas altíssimas taxas de juros e de *spread* bancário que oprimem toda uma população em favor de meia dúzia de banqueiros e especuladores?

A bem da verdade, as elites nacionais nunca se importaram na consolidação de um sistema educacional voltado aos interesses da cidadania, com o objetivo de concretizar uma república de fato (para além da formalidade do direito), como destacado por Platão no diálogo entre Sócrates e Glauco: “A lei não visa o bem-estar absoluto de uma só classe de cidadãos mas, ao contrário, procura que no Estado seja alcançado com a concórdia entre todas as classes, seja por meio da persuasão, seja pela coação, obrigando a todos a repartir entre si a contribuição que cada um está em condição de trazer para a coletividade. Se a lei assim os torna cidadãos, seu objetivo não é o de deixá-los livres para fazer o que quiserem, mas de obrigar a cada um a colaborar para a concórdia do Estado”. (PLATÃO, 2007, pp. 249, 269).

Conviver pacificamente com a injustificável desigualdade social, assistindo em berço esplêndido e impunemente o extermínio de sessenta mil cidadãos por ano (a maioria negros e pobres e parte significativa sendo eliminada por agentes do estado), além de um descomunal cinismo é um dos dados mais evidentes da intensa fragilidade de uma sociedade que nunca foi e não é nem republicana, nem liberal-democrática e cujo Estado nunca foi e não é de direito (a não ser na formalidade da lei que é manipulada ao bel-prazer de e para poucos). Como dizia Darcy Ribeiro: “o Brasil tem uma classe dominante ranzinza, azeda, medíocre, cobiçosa, que não deixa o país ir pra frente!”. As críticas de Jessé Souza acerca do servilismo dos intelectuais brasileiros submissos aos interesses dos poderosos precisam ser consideradas:

Todos os dias indivíduos normalmente inteligentes e classes sociais inteiras são feitos de tolos para que a reprodução de privilégios injustos seja eternizada entre nós. Para enxergar com clareza nosso real lugar no mundo, é fundamental compreender como nossa elite intelectual submissa à elite do dinheiro construiu uma imagem distorcida do Brasil de modo a disfarçar todo tipo de privilégio injusto. Os poucos que hoje controlam tudo precisam desse “exército de intelectuais”, do mesmo modo que os coronéis do passado precisavam de seu pequeno exército de

cangaceiros. (...) E produzir “convencimento” é precisamente o trabalho de intelectuais no mundo moderno, substituindo os padres e religiosos do passado.

Mas, por que o título do livro trata de uma “tolice da inteligência brasileira”? Porque, segundo o autor, e concordamos com ele, os principais intérpretes do Brasil sempre foram “colonizados até o osso”. Criaram suas teorias sociológicas e políticas a partir do pressuposto de um desenvolvimento socioeconômico relativamente baixo, como próprio das pessoas de sociedades como a nossa e não como resultado de uma estrutura e institucionalidade de distribuição da riqueza (acesso a bens e serviços) extremamente desiguais e excludentes.

Constata Jessé Souza que a maioria dos cientistas sociais vê a modernidade como se fosse uma “fábula para adultos”; ou seja, a modernidade descrita como fruto de uma benção divina. Assim, algumas sociedades abençoadas têm pessoas boas que são recompensados (por méritos) com riquezas. Outras, não são abençoadas e têm pessoas más, padecendo do castigo da pobreza.

Neste sentido, no caso da tolice à brasileira, trata-se de criar todo um conjunto de teorias com vistas a confundir a causa (desigualdade extrema associada a “pobreza extrema”) com a consequência (reprodução crônica e ampliada das “doenças” modernas). A partir dessa “confusão”, os tolos, que somos todos nós, acabam vendo subjetividade, ou seja, sociedades melhores, onde na verdade existe objetividade, isto é, sociedades estruturalmente mais ou menos desiguais.

É fato que como bom discípulo de Weber, Jessé Souza produz uma análise desconsiderando a contribuição de outros cientistas sociais, inclusive brasileiros, que produziram reflexões significativas sobre as mazelas sociais produzidas pelo capitalismo e que corroboram o entendimento acerca do deus-dinheiro, determinante das relações sociais e políticas contemporâneas. Como disse certa feita Giorgio Agamben,

é preciso tomar ao pé da letra a ideia de Walter Benjamin, segundo o qual o capitalismo é, realmente, uma religião, e a mais feroz, implacável e irracional religião que jamais existiu, porque não conhece nem redenção nem tregua. Ela celebra um culto ininterrupto cuja liturgia é o trabalho e cujo objeto é o dinheiro. Deus não morreu, ele se tornou dinheiro. (Entrevista concedida ao site Ragusa News).

A leitura atenta do livro de Jessé Souza ajuda-nos, entre outras possibilidades de apreensão das muitas mazelas nacionais, a entender um pouco mais sobre a crise política que vivenciamos nos últimos meses, desde as eleições presidenciais de 2014. A erosão das instituições políticas, atualmente, somente confirma o que todos sabíamos, mas não queríamos reconhecer: somos uma república das bananas, na qual, salvo exceções, as elites

(políticas, econômicas, intelectuais, religiosas e jurídicas) defendem na teoria uma democracia formal, mas não se comprometem na concretização de numa democracia de fato.

A ressaca frustrante dessa democracia de faz-de-conta, que não respeita sequer a formalidade dos procedimentos determinados pela Constituição Federal de 1988 foi comprovada no golpe parlamentar-jurídico-empresarial-midiático-elitista em 2016. No livro, editado em 2015, o autor já antevia no capítulo “o golpismo de ontem e de hoje: considerações sobre o momento atual”, o que ocorreu, de fato, neste ano.

Construtores e patrocinadores dos contos da carochinha sobre corrupção, isenção da justiça e deficiência do Estado, divulgados em doses cavalares pela mídia (afinal, ninguém é dominado se não aceitar a dominação como algo bom ou devido a sua inferioridade moral), os beneficiários diretos de uma desigualdade que se reproduz de forma ampliada fizeram a sociedade brasileira crer que ela é essencialmente corrupta, devendo, portanto, aceitar passivamente o estupro à democracia apadrinhado por uma elite despudora, chafurdada na lama da corrupção, mas com um discurso higienista, salvacionista e eivado de conservadorismo (social, moral, político e religioso).

Os espertos (ricos e beneficiários diretos da estrutura desigual da sociedade) construíram uma farsa fazendo com que o brasileiro, não abençoado e corrupto por natureza, confiasse que o âmago da corrupção está no Estado e no governo de plantão que gerenciava a máquina pública. Como *alter ego* da sociedade, a mídia ainda cumpriu o perverso papel de propagar a ideia de negação da política (os políticos, os partidos e a democracia representativa como instituição), bem como repudiar a importância do Estado no seu papel de fundamental como lócus de redução da desigualdade social e suas mazelas, entre elas as violências real e simbólica.

Tudo bem arquitetado, assistimos ao golpe elitista reposicionando novamente para o centro das decisões do Estado os representantes e parte daqueles 1% mais ricos, que controlam a riqueza e o poder; que têm nas mãos todo o sistema de manipulação da opinião publicada transformada em opinião pública; que têm no sistema de justiça conservador e seletivo parceiro de primeira hora; que não pagam impostos (porque no Brasil os lucros de capital são isentos de tributos) e que, historicamente, sempre usurparam do trabalho e do suor dos 99% dos brasileiros, principalmente dos 70% dos trabalhadores e empobrecidos. E todos, como marionetes, assistimos ao espetáculo sem perceber que os mesmos de sempre pagarão a conta do banquete dos poderosos. Amém!

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. Entrevista. In: **Site Ragusa News**, disponível no IHU - on line: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512966-giorgio-agamben>).

PLATÃO. **A República**. Trad. de Ciro Mioranza. 2ª ed. São Paulo: Editora Escala, 2007.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira**. Ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: LeYa, 2015.